

A EXTENSÃO DA ANÁLISE DOS ELEMENTOS ADVERBIAIS PARA ALÉM DA ORAÇÃO

Maria Helena de Moura Neves*

RESUMO: *A extensão da análise das relações adverbiais da oração para o discurso insere-se na proposta funcionalista de busca de adequação pragmática para as descrições lingüísticas. Entretanto, é passível de discussão a proposta de inclusão na categoria de constituintes extra-oracionais (Dik 1989, 1997) dos elementos adverbiais condição e construção de cenário, já que essa inclusão implica abrigar satélites (elementos pertencentes à estrutura da oração) entre os constituintes extra-oracionais.*

PALAVRAS-CHAVE: *Satélites, constituintes extra-oracionais, condição, construção de cenário, adequação pragmática.*

As orações tradicionalmente chamadas adverbiais têm sido objeto privilegiado de pesquisa em linha funcionalista, especialmente pelo fato de ser dificilmente sustentada a condição de “subordinadas” que a tradição lhes atribui, nos mesmos moldes em que são tratadas as orações substantivas e as adjetivas restritivas.

É grande o número e a variedade de estudos que mostram que a ligação entre uma oração nuclear e uma oração do tipo adverbial

* Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP/CNPq, Araraquara, SP, Brasil (mhmneves@techs.com.br).

fica bem distante daquela condição de “encaixamento” que pode ser defendida para os dois outros tipos de oração que acabam de ser citados (Thompson, 1984; Halliday, 1985; Longacre, 1985; Thompson e Longacre, 1985; Matthiessen e Thompson, 1988; Givón, 1990; Hopper e Traugott, 1993). Entre nós estão em desenvolvimento, e já foram desenvolvidas – especialmente no GT “Descrição do Português” da ANPOLL – várias pesquisas nesse campo (Decat, 1993, 1999, 2001; Braga, 1995, 1996, 1999; Neves, 1999a, 1999b, 1999c, 2000a, 2000b, 2001).

Um ponto significativo a ser destacado é que a razão fundamental das postulações que se fazem em todos esses estudos funcionalistas é a incorporação da pragmática na gramática, ou seja, é a assunção de categorias pragmáticas (por exemplo, a própria organização do fluxo informacional) na análise lingüística. Vai daí a invocação de princípios como “as orações condicionais são tópicos das construções em que ocorrem” (Haiman, 1978) ou da proposição da existência dos níveis “conversacional”, ou “de atos de fala” (além dos níveis “de conteúdo” e “proposicional”), nas combinações oracionais (Sweetser, 1990).

De qualquer modo, porém, as orações “adverbiais” continuaram sempre vistas dentro daquele aparato da gramática funcional que põe na base a construção da predicação: elas são sempre “satélites”, embora esteja assentado que, dentro do modelo funcionalista de estruturação em camadas, o satélite possa situar-se em uma camada superior à predicação (s3: satélite de proposição; s4: satélite de ato de fala).¹

¹ Além disso, lembre-se que os satélites constituem elementos que – diferentemente dos termos, ou argumentos (a que correspondem as orações “substantivas”), que entram na formação da predicação nuclear, e nela entram para desempenhar um papel semântico que a natureza do predicado determina – são opcionais, incidindo sobre uma predicação já configurada, e, portanto, por definição, mantendo com ela uma ligação “frouxa”.

A própria inclusão da pragmática na gramática, porém, levou a gramática funcional (especialmente a da Holanda) a questionar-se sobre a necessidade de estender para além da oração (simples ou composta/complexa) a sua análise lingüística, isto é, a avançar para o discurso (e para o texto).² Uma amostra particular dessa atitude está na proposta de consideração de elementos com estatuto extra-oracional (os chamados *extra-clausal constituents*, referidos como ECCs), tidos como “fragmentos de orações”, e, assim, “indiretamente descritos por referência à estrutura da oração” (Dik, 1997: 379), tidos como “de associação mais frouxa com a oração” (Dik, 1997: 379), e como freqüentes especialmente na linguagem falada (Dik, 1997: 379).

A justificativa para a atenção a esses elementos é, dentro dos princípios da teoria, a busca da “adequação pragmática para as descrições lingüísticas” (Dik, 1997: 380), especialmente porque esses constituintes podem, segundo Dik (1997: 380):

- a) codeterminar a interpretação pretendida da própria oração;
- b) interagir com a estrutura interna da oração de diferentes modos;
- c) diacronicamente, ser “absorvidos” na própria estrutura da oração, e, assim, prover uma fonte ontogênica para certos fenômenos gramaticais internos à oração.

Os critérios que determinam o estatuto de ECC para um constituinte são, segundo Dik (1997: 381):

- a) ele é separado da oração por quebras do contorno prosódico, ou ocorre em posição absoluta;
- b) ele nunca é essencial à estrutura interna da predicação à qual se associa: se é retirado, a oração continua completa;
- c) ele não é sensível às regras gramaticais que operam nos limites

² Cite-se a obra: CONOLLY, J. H. et al. (1997) *Discourse and Pragmatics in Functional Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

da oração, embora possa estar relacionado com a oração por regras (de correferência, de paralelismo – ou seja, mesma marcação de caso – e de antítese) que também podem caracterizar relações entre orações no discurso.³

São vários os tipos de ECCs propostos. Além de variar a posição em que eles ocorrem em relação à oração (anteposto, posposto, parentético, em posição absoluta), variam as funções que eles desempenham, particularmente ligadas à estrutura e à organização do discurso. Dik (1997: 384) relaciona ECCs que funcionam:

- a) no gerenciamento da interação: agradecimento, apelo, chamamento (vocativo), resposta mínima;
- b) na especificação de atitude: expressão de estado emocional;
- c) na organização do discurso: marcação de fronteira (início, desvio de tópico, subdivisão, finalização); orientação (tema, condição, marcação de cenário; adendo);
- d) na execução do discurso: resposta (seja um elemento absoluto seja um iniciador de resposta); apêndice que muda o valor ilocucionário da oração que o precede.

Dentre todos esses, talvez o mais explorado até agora seja o *tema* (elemento ao qual Dik, 1997, dedica uma quarta parte do capítulo, da página 389 à 395). Classificado dentro do subtipo *orientação*, o *tema* é uma das “superfunções pragmáticas” abrangidas na função *organização do discurso*, e, em princípio, é de posição inicial, exatamente pelo papel orientativo em relação à informação que vem a seguir: o *tema* é um elemento a respeito do qual a oração seguinte vai apresentar uma informação relevante, isto é, ele “orienta o ouvinte sobre os tópicos discursivos em relação aos quais o conteúdo da oração seguinte deve ser interpretado” (Dik, 1997: 389). Ora, o *tema* seria o que tradicionalmente se denomina *tópico*, desde que

³ Além disso, há línguas que têm critérios mais específicos, dependentes da própria língua, para determinar se um constituinte pertence, ou não, à oração.

seja extra-oracional, o que equivale a dizer que ele seria, no geral, um tópico “deslocado à esquerda”, para usar a terminologia da gramática transformacional (Dik, 1997: 389).

Desse modo, na Gramática Funcional de Dik, *tópico* e *tema* (ambos entidades de função pragmática) são dois tipos diferentes de elementos, especialmente porque *tema* é extra-oracional, e, a partir daí, tem função na orientação do discurso, e não na orientação da oração. É uma distinção que se revela bastante produtiva na análise lingüística, porque, diferentemente do que faz com o elemento *tópico* (intra-oracional, e, portanto, com algum estatuto sintático), Dik reserva ao *tema*, de âmbito puramente discursivo, um tratamento pragmático.

Mais problemática, porém – e aqui tocamos a área de interesse central do subgrupo “Combinação de orações” do GT “Descrição do Português” da ANPOLL –, é a proposta de um conjunto de ECCs adverbiais⁴ (*condição* e *construção de cenário*), constituintes que, nos estudos funcionalistas em geral, levada em conta toda a construção da teoria, vêm sendo abrangidos na conceituação de *satélites*, e, portanto, de constituintes (lexicais) intra-oracionais.

No tratamento do ECC de condição, Dik (1997: 396) faz uma distinção entre uma prótase condicional pré-oracional (exatamente um ECC) e uma prótase condicional satélite (um constituinte integrado na estrutura oracional), apoiando essa distinção exclusivamente na presença do elemento *então* (inglês: *then*) na apódose. Os exemplos que ele fornece de prótases condicionais pré-oracionais (ECCs) são:

- a. *If John is rich, then he can help us out.* (Potentialis)
- b. *If John were rich, then he could help us out.* (Irrealis)

O ponto de partida da discussão de Dik é a noção de que as orações condicionais podem ser usadas pelo falante para “criar” um

⁴ Observe-se, entretanto, que não necessariamente se trata de “orações” adverbiais.

mundo ou um “modelo mental”, dentro do qual aquilo que é expresso na oração apodótica é relevante ou verdadeiro (Dik, 1997: 396). Nada muito diferente daquela proposta de Haiman (1978) de que “condicionais são tópicos”, mas Dik considera que há prótases que podem ser expressas pelo mesmo modo usado para caracterizar *temas*: assim, *condição* extra-oracional se iguala a *tema* (na terminologia de Dik), quanto à função de orientação discursiva (de nível superior à oração) e também quanto ao modo de marcação.

E segundo Dik, o mesmo ocorre com o terceiro tipo de *orientação discursiva*, a *construção de cenário* (lugar, tempo ou outra circunstância), o que atribui às expressões adverbiais em geral (incluindo as orações) a possibilidade de funcionar como constituintes extra-oracionais (ECCs), bem como, a meu ver, conduz à interpretação de que *tema* (extra-oracional) está para *tópico* (intra-oracional) assim como *condição extra-oracional* está para *condição intra-oracional* e assim como *construção de cenário* (relação adverbial) *extra-oracional* está para *construção de cenário* (relação adverbial) *intra-oracional*.

A extensão das relações do tipo condicional ou de construção de cenário (circunstancial) da oração para o discurso pode entender-se no âmbito da proposta de Mathiessen e Thompson (1988) de que essas relações são análogas às relações retóricas que constroem o texto: permeiam e governam todo o texto, independentemente do nível das unidades (micro ou macroestruturais) envolvidas (sintagmas, orações, frases, parágrafos, capítulos, etc.), penetrando nas suas subpartes, como reflexo e consequência da organização geral a que estão sujeitas. Também se encaixa na visão de Chafe (1994) de que com elas se criam espaços mentais e se preparam molduras para outros conteúdos. Em Dik (1997), aliás, estão presentes todas essas interpretações de tais relações.

Entretanto, as propostas de tratamento discursivo das relações adverbiais vêm sendo feitas – como já apontei no início – sem perder de vista que o conteúdo emoldurado, ou inserido nesses

espaços mentais, constitui uma oração nuclear, isto é, que as orações do tipo tradicionalmente chamado *adverbial* são interiores à oração.

Apesar disso, já tenho chamado a atenção para o fato de que “a liberdade do falante nesse complexo jogo chega a ponto de se prepararem molduras que ficam vazias, criando-se espaços mentais que obtêm efeitos particulares muito significativos” (Neves, 2000a), especialmente referindo-me a ocorrências como:

1. *Quer me dizer o... senhor pergunte para o Delegado. Se fosse por mim... Eu tenho coração de manteiga.* (NOF)⁵
2. *Ah, se fosse sempre assim!* (FEL)
3. *Ah, se eu voltasse...* (BH)
4. *Se ao menos eu não fosse doente! Se ao menos todos nós não fôssemos doentes!* (NOF)
5. *Também com um nome desse. Ainda se fosse Operação Falcão ...* (MD)

que incluem, exatamente, componentes adverbiais de “posição absoluta”, os que mais caracteristicamente poderíamos incluir na categoria “extra-oracional”.

Estendo a observação para outro fato que venho apontando: que, do mesmo modo, se lançam asserções para depois, em outra frase (outro ato de fala, que pode até ser de outro locutor), se colocarem, em acréscimo, como *afterthoughts*, ou “adendos” (Chafe, 1994; Ford, 1993), concessões, condicionamentos ou causalidades relativas a essa asserção. Tenho invocado (Neves, 2001) construções como:

⁵ As ocorrências examinadas pertencem ao banco de dados de cerca de 100 milhões de ocorrências que está armazenado no Laboratório Lexicográfico da Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Araraquara e que serviu à elaboração da *Gramática de usos do português*, de minha autoria (Ed. Unesp, 2000, 1057pp) e do *Dicionário de usos do português*, coordenado por Francisco da Silva Borba, e do qual sou também co-autora (Ed. Ática, 2002).

6. A: *A mim eles não conseguiram e não conseguirão jamais vencer de que você não é a criatura mais pura que já nasceu.* Ainda que tenha cometido erros, ainda que tenha feito confusões, ainda que tenha pecado. (OSA)
7. *Podiam mandar mais dois homens comigo.* Embora eu preferisse ir só. (GCC)
8. F: *Eu devo vir para São Paulo no ano que vem.*
T: *Se tudo der certo, claro!* (DEL)
9. T: *O Bereco também não foi.*
F: *Porque não quis.*
10. A: *Mas eu nunca obriguei você a comer fritada.*
O: *Mas eu como.*
A: *Porque é burro. Faça outra coisa pra você.* (DEL)

Observo, ainda, em outro trabalho especificamente dedicado à expressão concessiva (Neves, 2000a), que a vivacidade da língua falada – que conta com os recursos da entonação, facilmente provendo pausas e quebras significativas – é especialmente bem servida por *afterthoughts*, ou adendos, como em:⁶

11. *gostaríamos demais de mais filhos ... embora eu fique quase biruta ...* (D2-SP-360: 90-4)
12. *eu só como queijos brancos ... evito comer os outros queijos ... embora eu goste muito ...* (DID-RJ-328: 621-3)

⁶ O corpus utilizado para exame é o corpus mínimo do Projeto NURC, constituído por 5 D2 (SP-360; RJ-355; RE-005; POA-291; SSA-98), 5 DID (SP-234; RJ-328; RE-131; POA-45; SSA-231) e 5 EF (SP-405; RJ-379; RE-337; POA-278; SSA-49). Os inquéritos de São Paulo estão editados pela Ed. T. A. Queiroz, com auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo: a edição das elocuições formais (1986) e dos diálogos entre dois informantes (1987) foram organizadas por Ataliba Teixeira de Castilho e Dino Preti; a dos diálogos entre informante e documentador (1988) foi organizada por Dino Preti e Hudinilson Urbano. Os inquéritos do Rio de Janeiro estão editados pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro: a edição das elocuições formais (1991) foi organizada por Dinah Callou, e as edições dos diálogos entre informante e documentador (1993) e dos diálogos entre dois informantes (1994) foram organizadas por Dinah Callou e Célia Regina Lopes.

13. *eu diria que é mais sério do que isso ... embora ... isso seja seríssimo...* (EF-RE-337: 418-20)
14. *o rendimento dele também será menor, apesar de que existe um teto mínimo que é subvencionado pela Direção Central* (DID-POA-43: 126-9)
15. *carne nós comemos muito no sul ... se bem que a viagem que eu fiz ao sul foi há muitos anos ...* (DID-RJ-355: 18-20)
16. *eles fazem um molho com pimenta muito gostoso ... se bem que é muito ... que é muito forte ... né ...* (DID-RJ-328: 217-20)

Também tenho chamado a atenção para o fato de que a independência das relações adverbiais vai ao ponto de elas chegarem a ser expressas em enunciados paratáticos em que a oração de valor semântico adverbial vem em primeiro lugar (com curva entonacional ascendente no primeiro membro e quebra entonacional ao seu final), como em:

17. *Fosse você passava ela para frente.* (ID)

ou vem em segundo lugar, como em:

18. *E assim continuava, não fosse a discussão que acabei de ter com Dona Leonor.* (A)

O raciocínio segue até a verificação de que ainda é possível – fato mais revelador – ocorrer uma conjunção coordenativa aditiva na junção das duas orações, como em:

19. *Tivesse eu escolhido o cofre e certamente a esta hora estaria no fundo do rio com ele.* (OSA)
20. *Tivesse vindo outro padre para substituí-lo e não haveria de morrer.* (NOD)
21. *Tivesse eu uma igual, e juro que estava gozando a vida em Paris há muito tempo!...* (OSA)

São enunciados em que, claramente, há duas estruturas de predicação, a que expressa condição e a que expressa a asserção correspondente ao conteúdo da oração nuclear, tivesse o enunciado

sido construído no tipo hipotático (com oração adverbial condicional). Trata-se de construções em que, evidentemente, as duas predicções têm relevância mútua (um mínimo de hierarquização), mas não têm estatuto diferente, que é o que, no eixo tático, caracteriza a hipotaxe (Halliday, 1985), perdendo-se a própria noção de escopo (Mathiessen e Thompson, 1988), que sustenta o estatuto de satélite.

Assim, se todos esses fatos nos remetem à possibilidade da consideração de um estatuto extra-oracional (ECC) para o constituinte “condição” – possibilidade que se pode entender como extensível aos demais constituintes do tipo adverbial –, fica extremamente difícil estabelecer a fronteira que há de delimitar o estatuto “oracional” ou “extra-oracional” de um constituinte adverbial componente de estrutura hipotática. E, mais que isso, a proposta fica a exigir – e é isso que trago à discussão ao grupo – uma revisão do modo de apresentar-se o estatuto de satélite, na estrutura da predicação.

A avaliação tem de ser feita no domínio discursivo, mas isso nada mais representa do que levar adiante as propostas básicas de uma gramática funcional, que prevê que a interação verbal é uma atividade estruturada (com regras, normas e convenções), mas também é uma atividade cooperativa, e, desse modo, ativam-se, na linguagem (que é sempre uma interação), dois sistemas de regras: as que regem a constituição das expressões lingüísticas (regras sintáticas, semânticas, morfológicas e pragmáticas) e as que regem o modelo de interação verbal no qual as expressões são usadas (regras pragmáticas). O avanço das reflexões para o domínio discursivo, ainda bastante incipiente, também é instado, no funcionalismo, pelas postulações de uma gramática pragmática e psicologicamente adequada: a descrição lingüística é adequada aos processos mentais envolvidos na sua produção e na sua interpretação, e também é adequada às intenções comunicativas com que se usam as línguas. Segundo essas proposições, cabe à gramática também mostrar como

as orações “podem ser combinadas em períodos coerentes de fala, conversação, ou texto escrito” (Dik, 1997: 409).

A investigação de elementos com os ECCs propostos por Dik (1989, 1997), porém, põe em evidência como é extenso o caminho a ser percorrido na direção discursiva que se vem tentando para a gramática funcional (Connolly, 1997).

ABSTRACT: *The extension of the adverbial relations from clause to discourse is inserted in the functional goal of seeking pragmatic adequacy for linguistic descriptions. However, the inclusion of the adverbial elements condition and setting in the category of extra-clausal constituents (Dik 1989, 1997) can be discussed, since that inclusion implies the comprehension of satellites (elements belonging to the clause structure) among the extraclausal constituents.*

KEYWORDS: *Satellites, extraclausal constituents, condition, setting, pragmatic adequacy.*

BIBLIOGRAFIA

- BORBA, F. S. et al. (2002) *Dicionário de usos do português*. São Paulo: Ática.
- BRAGA, M. L. (1995) Cláusulas temporais no discurso oral. In: *IV Encontro Nacional da ANPOLL – Anais, Lingüística*, v. 2, João Pessoa.
- _____. (1996) Processos de redução: o caso das orações de gerúndio. In: KOCH, I. V. (Org.). *Gramática do português falado – desenvolvimentos*. Campinas: Ed. da Unicamp/Fapesp, v. VI.
- _____. (1999) Os enunciados de tempo no português falado no Brasil. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado – novos estudos*. Campinas: Ed. da Unicamp/Humanitas/Fapesp, v. VII.
- CALLOU, D. (Org.) (1991) *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 1: Elocuções formais.

- _____. (Orgs.). (1993) *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 2: Diálogos entre informante e documentador.
- _____. (Orgs.). (1994) *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 3: Diálogos entre dois informantes.
- CASTILHO, A. T.; PRETI, D. (Orgs.). (1986) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz, v. 1: Elocuções formais.
- _____. (Orgs.). (1987) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz, v. 2: Diálogos entre dois informantes.
- CHAFE, W. L. (1994) *How People Use Adverbial Clauses*. Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society, v. 10.
- CONOLLY, J. H. et al. (1997) *Discourse and Pragmatics in Functional Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- DECAT, M. B. N. (1993) *Leite com manga, morre!*: da hipotaxe adverbial do português em uso. São Paulo, 1993. Tese (Doutorado) – PUC.
- _____. (1999) Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. *SCRIPTA*. Belo Horizonte: Ed. da PUC-MG, n. 4, v. 2, p. 23-38.
- _____. (2001) A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: _____ et al. (Orgs.). *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado de Letras.
- DIK, S. (1989) *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht-Holland/Providence RI – U.S.A.: Foris Publications.
- _____. (1997) *The Theory of Functional Grammar* (ed. by K. Hengeveld). Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- FORD, C. (1993) *Grammar in Interaction: Adverbial clauses in American English Conversations*. Cambridge: University Press.
- GIVÓN, T. (1990) *Syntax: A Functional-Typological Introduction*. Amsterdam: John Benjamins, v. II.
- HAIMAN, J. (1978) Conditionals are Topics. *Language*, v. 54.
- HALLIDAY, M. A. K. (1985) *An Introduction to Functional Grammar*. Baltimore: Edward Arnold.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. (1993) *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.

- LONGACRE, R. E. (1985) Sentences as Combinations of Clauses. In: SHOPEN, T. (Ed.). *Language Typology and Syntactic Description*. Complex Constructions. Cambridge: Cambridge University Press, v. II.
- MATHIESSEN, C.; THOMPSON, S. (1988) *The Structure of Discourse and "Subordination"*. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins.
- NEVES, M. H. M. (1999a) *As construções causais*. In: _____ (Org.). *Gramática do português falado – novos estudos*. Campinas: Ed. Unicamp/Humanitas/Fapesp, v. VII.
- _____. (1999b) *As construções concessivas*. In: _____ (Org.). *Gramática do português falado – novos estudos*. Campinas: Ed. Unicamp/Humanitas/Fapesp, v. VII.
- _____. (1999c) *As construções condicionais*. In: _____. (org.) *Gramática do português falado – novos estudos*. Campinas: Ed. Unicamp/Humanitas/Fapesp, v. VII.
- _____. (2000a) Um tratamento funcionalista da articulação de orações. In: GÄRTNER, E. C.; HUNDT, A. S. (Ed.). *Estudos de gramática portuguesa*. Frankfurt: TFM, v. II.
- _____. (2000b) *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. Unesp.
- _____. (2001) *A Gramática de usos do português e o ensino de língua*. Comunicação apresentada no II Seminário sobre ensino de língua e literatura / 13º Congresso de Leitura do Brasil (COLE), Campinas.
- PRETI, D.; URBANO, H. (Orgs.). (1988) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz/Fapesp, v. 3: Diálogos entre informante e documentador.
- SWEETSER, E. E. (1990) Conjunction, Coordination, Subordination. In: *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- THOMPSON, S. A. (1984) Subordination in Formal and Informal Discourse. In: SCHIFFRIN, D. (Ed.). *Meaning, Form, and Use in Context: Linguistic Applications*. Washington: Georgetown University Press.
- _____; LONGACRE, R. E. (1985) Adverbial Clauses. In: SHOPEN, T. (Ed.). *Language Typology and Syntactic Description*. Complex Constructions. Cambridge: Cambridge University Press, v. II.